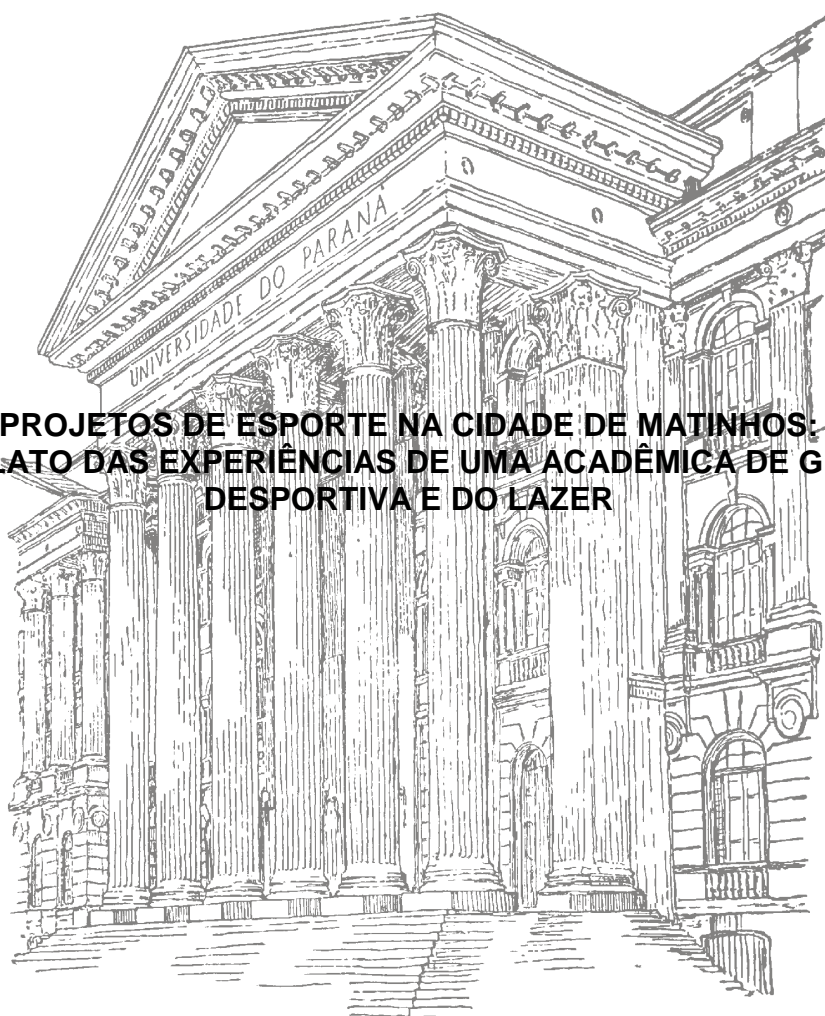


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TATIANA RAMOS

**PROJETOS DE ESPORTE NA CIDADE DE MATINHOS:
UM RELATO DAS EXPERIÊNCIAS DE UMA ACADÊMICA DE GESTÃO
DESPORTIVA E DO LAZER**



**MATINHOS
2013**

TATIANA RAMOS

**PROJETOS DE ESPORTE NA CIDADE DE MATINHOS: UM RELATO DAS
EXPERIÊNCIAS DE UMA ACADÊMICA DE GESTÃO DESPORTIVA E DO LAZER**

Trabalho apresentado como requisito parcial
para conclusão do Curso de Bacharel em
Gestão Desportiva e do Lazer, do Setor Litoral
da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Luís Eduardo Cunha
Thomassim

**MATINHOS
2013**

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha mãe Aracy
que me ensinou o grandioso valor da educação,
ao meu pai Roberto (in memoriam)
que me ensinou o amor pelos esportes.*

*À meu esposo Sidnei,
pela força que me deu para retomada de meus estudos e
incentivo para nunca desistir,
mesmo nos momentos mais difíceis.*

*E aos meus irmãos Luiz Roberto e Luiz Gustavo
apenas por serem meus irmãos.*

Um “o protetor” outro “o ombro amigo”.
*E de forma extremamente especial, à minha filha Caroline
pelo simples fato da sua existência em minha vida
e por ter sido o grande motor propulsor
e sempre a maior inspiração para eu continuar lutando.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a companhia e incentivo de meus colegas ao longo desses 4 anos, que em muitos momentos me fizeram voltar a acreditar que eu conseguiria. Aos meus mestres por persistirem em continuar me instigando nos momentos de cansaço. E, particularmente, à meu orientador não só por me orientar na caminhada deste trabalho, como também pela paciência, dedicação e crença que a minha capacidade poderia ir além do papel de mãe e esposa.

“A grandiosa revolução humana de uma única pessoa irá um dia impulsionar a mudança total do destino de um país e, além disso, será capaz de transformar o destino de toda humanidade.”

Dr. Daisaku Ikeda (Educador, Presidente da Soka Gakkai Internacional, Fundador da Universidade Soka – Japão)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vi
RESUMO	vii
1 INTRODUÇÃO	8
2 ESTUDOS SOBRE PROJETOS DE ESPORTE E LAZER: UM PASSEIO POR ALGUMAS DAS ABORDAGENS DA BIBLIOGRAFIA	11
3 DESCREVENDO O PROGRAMA SEGUNDO TEMPO	15
3.3 O “SEGUNDO TEMPO” NO MUNICÍPIO DE MATINHOS, NÚCLEO GABRIEL DE LARA	16
3.1.1 Iniciando minha participação no Programa Segundo Tempo (PST)	17
3.1.2 Outras situações enfrentadas no funcionamento do Núcleo Gabriel de Lara ...	19
3.1.3.1 A condição das aulas na quadra	21
4 PROJETOS “ESPORTE E LAZER NA COMUNIDADE” E “PASSANDO A BOLA”: CONHECENDO A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	25
4.1 PROJETOS ESPORTE E LAZER NA COMUNIDADE	25
4.1.1 Greve na UFPR e Esporte e Lazer na Comunidade	27
4.2 CONHECENDO O PROJETO PASSANDO A BOLA! SOCIALIZAÇÕES ESPORTIVAS NO LITORAL	29
4.2.1 A escolha do nome do projeto e início das atividades	30
4.2.1.1 Preparando dados de pesquisa e apresentação para o CONBRACE	31
4.2.2 Pleito eleitoral municipal – Matinhos em efervescência política	32
4.2.3 Focando na apresentação para o CSBCE e SIEP/ENEC	34
4.2.4 Iniciando as oficinas: o Centro Cultural mais uma vez como solução de estrutura	35
5 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA	37
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Quadra de Vôlei	22
FIGURA 2 – Quadra de Futsal	22

RESUMO

PROJETOS DE ESPORTE NA CIDADE DE MATINHOS: UM RELATO DAS EXPERIÊNCIAS DE UMA ACADÊMICA DE GESTÃO DESPORTIVA DO LAZER

Este trabalho tem por objetivo dar uma visão geral das circunstâncias encontradas no dia a dia de projetos que buscam se utilizar do esporte/lazer como ferramenta de inclusão social, motivação para a educação corporal e sociabilização da criança e do adolescente em um município litorâneo do Estado do Paraná. Para tal buscarei relatar aqui minha participação em três diferentes projetos na cidade de Matinhos, no Paraná. O primeiro deles é o Programa Segundo Tempo (PST), do Ministério do Esporte, desenvolvido em numa escola estadual da cidade. Os outros dois projetos a serem relatados são projetos de extensão, sendo respectivamente os Projetos de Extensão “Esporte e lazer na comunidade” e “Passando a Bola! Socializações esportivas no litoral”.

As experiências narradas se passaram entre 2010 e 2013, quando atuei como estagiária e bolsista destas programações. Diante da ausência de estudos voltados a analisar a especificidades de realidade do município de Matinhos, Pr., optei por desenvolver o relato destas experiências, propondo algumas reflexões sobre as situações narradas, assim como em relação ao meu papel como agente social de tais projetos.

Palavras chaves: Projetos sociais, esporte e lazer, gestão.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2009 ingressei no curso de Gestão Desportiva e do Lazer (GDL) da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral com o intuito de buscar uma formação superior principalmente voltada para o entendimento da cultura e arte. Já no início da graduação, já no primeiro semestre, fui contemplada com a oportunidade de estagiar em um projeto voltado para o esporte no contra turno escolar do Ministério do Esporte. Intitulado Programa Segundo Tempo (PST), este programa do governo Lula tem por objetivo proporcionar acesso a crianças e adolescentes de escolas públicas a atividades esportivas em contra turno escolar. (Municipais e Estaduais).

No Paraná, à época, o programa tinha convênio com a autarquia estadual Paraná Esporte, vinculada ao Governo do Estado e a Secretaria de Educação do Estado, para que o programa funcionasse em escolas da rede estadual de ensino.

Após o período de um ano, depois de termos encontrado uma série de situações complicadas para dar andamento ao projeto o mesmo foi suspenso por tempo indeterminado devido à mudança de governo, deixando as crianças que eram atendidas sem a oferta de tal atividade; órfãos, por assim dizer, de uma promessa de finalmente poderem ter um ambiente seguro e direcionado para a prática esportiva.

No ano seguinte, 2011, passei a integrar o projeto de extensão da Universidade Federal do Paraná, setor Litoral, Esporte e Lazer na Comunidade, que tinha por objetivo a oferta de atividades esportivas e culturais para os municípios de Matinhos e Pontal do Paraná. Neste projeto tive a oportunidade de me deparar, em Matinhos, com uma série de situações impeditivas para a fixação e integração do mesmo a comunidade, como falta de espaço físico adequado, falta de “público”, greve de funcionários da Universidade e até mesmo as condições meteorológicas peculiares na cidade.

Em paralelo a isso, vinha acompanhando outros projetos dos quais minha filha era participante, como o Projeto Surf na Escola (vinculado ao PST em convênio com o município), ofertado pela Prefeitura Municipal de Matinhos. Anos depois também acompanhei o projeto de voleibol do Colégio Gabriel de Lara em parceria com o Instituto Celso Pampuch, neste caso, tanto quanto mãe de aluna do projeto, como estudante de Gestão Desportiva e do Lazer (GDL)

No ano de 2012, integrei mais um projeto de extensão da UFPR Setor Litoral intitulado Passando a Bola. Novamente encontramos uma série de situações que impediram a concretização idealizada para o período inicialmente estabelecido para o projeto (2012/2013), como mais uma greve na UFPR, pleito eleitoral nos municípios brasileiros entre outras questões.

Mas o porquê de eu estar relatando todas estas situações? O ano de 2013 vem a ser o de conclusão da minha graduação e, portanto, o ano de se construir um trabalho de conclusão.

Com todas as experiências que citei anteriormente e buscando um tema que fosse relevante para elaborar tal trabalho, me deparei com um questionamento: como nós, futuros gestores de esporte e lazer (agentes sociais), sem apoio institucional, numa cidade litorânea de cerca de 30 mil habitantes, num canto não muito lembrado pelo poder público no estado do Paraná, poderemos desenvolver ou trabalhar em projetos que demandam um aporte considerável de recursos de forma satisfatória e com uma continuidade adequada?

Com esta pergunta em mente comecei a buscar materiais teóricos que pudessem dar uma pista de como responder esta questão. Muitos destes materiais foram a mim indicados, outros buscados em revistas científicas da área do esporte (mais precisamente de Educação Física) e algumas da área das ciências sociais. Pude perceber que poucos trabalhos investigam a visão dos agentes sobre tais projetos.

Alguns destes trabalhos apresentam críticas à visão salvacionista pela qual o esporte é tratado em projetos sociais na relação com crianças e adolescentes em situação de risco. Outros parecem aderir exatamente a esta visão salvacionista dos projetos. Não foram encontrados, em minha pesquisa bibliográfica trabalhos voltados a investigar mais precisamente a cidade de Matinhos.

Instigada pela possibilidade de trazer uma contribuição, mesmo que mínima, me motivei a iniciar uma investigação sem o objetivo de fazer críticas ou elogios ao trabalho de tais projetos. Meu foco seria buscar compreender através das circunstâncias vivenciadas como funcionam na prática os projetos de esporte em nossa cidade. Também tenho em mente que, como membro desta comunidade, devo contribuir com a mensagem do Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral da UFPR e do Curso de Gestão Desportiva e do Lazer que é de estar integrada a

comunidade local, conversando com a mesma e levando para ela ações que contribuam para seu desenvolvimento.

Assim, meu trabalho tem por objetivo dar uma visão geral das circunstâncias encontradas no dia a dia de projetos que buscam se utilizar do esporte/lazer como ferramenta de inclusão social, motivação para a educação corporal e sociabilização da criança e do adolescente em um município litorâneo do Estado do Paraná. Para tal buscarei relatar aqui minha participação nos projetos já citados acima (PST, Esporte e Lazer na Comunidade e Passando a Bola) na função de estagiária e bolsista assim como meu papel como agente social de tais projetos.

A utilização do relato de experiência para alcançar o objetivo deste trabalho sustenta-se na ideia de que a relação entre o pesquisador e seu objeto de estudo é sempre permeada por algum tipo de envolvimento inevitável (VELHO, 2013). Mesmo esse envolvimento podendo limitar e até impedir certas percepções do objeto em análise, o relato de experiência permite, por outro lado, explorar esse envolvimento ao máximo para partilhar o que foi vivido. Ao optar pelo relato de experiência tenho ciência que será necessário ao leitor relativizar meus relatos como um ponto de vista de alguém situada dentro das experiências narradas, sem que eu tenha a pretensão de apresentá-las como “a realidade”.

2 ESTUDOS SOBRE PROJETOS DE ESPORTE E LAZER: UM PASSEIO POR ALGUMAS DAS ABORDAGENS DA BIBLIOGRAFIA

No presente capítulo farei um pequeno levantamento de alguns trabalhos que tem correlação com projetos de esporte e lazer. Meu objetivo é identificar algumas das abordagens acadêmicas possíveis deste tema,

O primeiro deles é o artigo intitulado “Significados de um projeto social esportivo: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes”, de Suelen Barbosa Eiras Castro e Doralice Lange Souza (CASTRO, SOUZA; 2011). Nele as autoras buscaram compreender a visão de pais, crianças, adolescentes e profissionais que participam do projeto intitulado Esporte em Ação, Núcleo Vila Torres, na cidade de Curitiba, Paraná. O trabalho volta-se a importância de tal projeto para a vida e dia a dia dos atendidos de forma direta (crianças e adolescentes) e indiretas (pais), como também o ponto de vista dos profissionais que desenvolvem suas atividades neste local e sua relação com a comunidade por ele assistida.

Percebe-se que o discurso salvacionista citado anteriormente por mim na introdução deste meu trabalho tem neste projeto uma grande participação, já que para todos os envolvidos. O fato do mesmo estar inserido num bairro onde a criminalidade é bastante contundente, fazer parte daquele ambiente dá aos mesmos uma sensação de proteção das mazelas externas que ali acontecem. Mas ao mesmo tempo, a participação, por diversas vezes fica prejudicada, exatamente por estes acontecimentos que ocorrem no entorno das atividades: (tráfico de drogas, tiroteios, prostituição, etc.).

Para alguns pais e crianças, o projeto também funciona como uma espécie de creche ou reforço escolar, já que ali, além das atividades esportivas, os agentes oferecem aulas de pintura, atividades artísticas diversas e colaboram na feitura das tarefas escolares das crianças. Alguns poucos têm a visão de que não necessariamente o projeto possa trazer para a vida deles uma mudança da sua realidade, estes citam, por exemplo, (inclusive as crianças) que participantes já haviam se envolvido com algum tipo de atividade ilícita e de risco mesmo sendo ou tendo participado das ações ali oferecidas.

Para alguns dos profissionais, ao menos ali, os atendidos podem ter uma possibilidade de vislumbrar situações diferentes das que vivem no dia a dia da comunidade, passando com isso a pensar em outras possibilidades para suas vidas opostas às que se apresentam em seu bairro. As autoras também referem outros estudos sobre projetos sociais em que os profissionais também percebem os mesmos como espaços que ocupam o tempo ocioso e protegem contra males das ruas tais como *más companhias*, drogas e criminalidade.

Outra abordagem pode ser encontrada no trabalho de Angela Bretãs, “Projetos Sociais: Esporte e Lazer. ‘O esporte diminui a violência, e muito mais... É mesmo’ Onde mora o perigo? Discutindo uma suposta relação entre ociosidade, pobreza e criminalidade” (BRETÃS, 2007), a autora faz uma reflexão sobre a influência ou não dos projetos de esporte e lazer ofertados por órgãos públicos, ONGs muitas vezes em parceria com o Estado na condição de vida de crianças e adolescentes. A mesma vê de forma crítica a real importância de tais projetos na mudança de condição social do “público-alvo” como também critica os termos que foram criados para designar tal parcela da população como “deserdados”, “desvalidos”, “desviados”, “carentes”, etc.

Dando um pequeno apanhado histórico e jurídico das visões colocadas ao longo do tempo em nossa sociedade com relação a esta parcela da população a autora procura analisar como esta visão influenciou a construção de projetos de esporte e lazer que possuíam até então o tal “cunho salvacionista” já por mim citado anteriormente sem deixar de aceitar que os projetos tem sim um objetivo importante. Mas que os mesmos deveriam ser antes vistos como ofertas de atividades com o intuito de promover uma melhoria da qualidade de vida pela prática em si mais do que pelo fato do seu uso como *tábua de salvação* das mazelas da sociedade.

Ou seja, a prática do esporte, da atividade física, da participação em eventos culturais são em primeira instância um direito de crianças e adolescentes e não apenas um elemento para retirar os mesmos de condições “de risco” nas comunidades onde vivem.

Diferentes destas, outra linha de estudos pode ser ilustrada por Thomassim e Stigger (2011), no texto “O ‘Público-alvo’ nos bastidores da política: O Cotidiano da Participação de Crianças em Projetos Sociais”. Neste trabalho os autores voltam sua atenção para a relação que as crianças e famílias estabelecem com os projetos

sociais de esporte. A pesquisa relatada neste trabalho foi desenvolvida no contexto da periferia de Porto Alegre, numa vila popular que contava com a oferta de diversos projetos sociais. A investigação, no entanto, não priorizou uma análise sobre a eficiência ou não dos projetos, mas sobre o sentido que o “público alvo” das programações atribui às atividades que lhes ofereciam. Segundo os autores, as análises sobre o tema em geral se polarizam entre visões negativas e positivas quanto ao papel dos projetos sociais de esporte. Luis Eduardo C. Thomassim e Marco Paulo Stigger consideram que estas polarizações ignoram as relações estabelecidas pelos participantes dos projetos no cotidiano. Assim, os “impactos” positivos ou negativos dependeriam também das diferentes formas de participação do “público alvo” nos projetos esportivos.

Outra abordagem ainda de estudos pode ser exemplificada por trabalhos em que os autores narram suas próprias experiências de atuação com projetos de esporte. No relato de experiência “Extensão Universitária e Inclusão Social: Implicações Do Programa ‘O Direito na Rua’ para o Segundo Tempo” (FERRAZ, BARROS; 2009), Adilson Silva Ferraz e Ana Maria de Barros analisam as diversas facetas positivas e negativas da implantação do Programa Segundo Tempo em conjunto com o projeto de extensão “O Direito na Rua: Educando para a Paz e Solidariedade” da Associação Caruaruense de Ensino Superior no que tange o discurso do papel de ações de esporte e lazer em contra turno escolar em parceria, no caso deste município ao projeto de extensão do curso de direito da já citada acima instituição de curso superior desta mesma cidade em duas comunidades vistas como “carentes” tanto pelo poder público quanto pela comunidade como um todo e seu papel como ferramenta de inclusão social.

Neste trabalho os autores relatam desde as dificuldades com relação ao ambiente de trabalho, falta de apoio político do poder municipal, a utilização dos projetos por um vereador local como manobra de campanha, como também problemas relacionados ao choque vivenciado por estagiários do curso de Ed. Física e a bolsista do curso de direito com a realidade das comunidades em comparação com o que vivenciavam em sala de aula em seus respectivos cursos. Como outros exemplos falta de reforço alimentar, problemas de comportamento, falta de higiene e etc. Em certo trecho os autores afirmam com relação às questões políticas que envolviam os projetos:

Isso demonstra que a inclusão social em Caruaru ainda está fortemente condicionada ao interesse político, pois para o secretário de esportes, o Segundo Tempo, nesse momento, provavelmente não representaria um grande benefício do ponto de vista eleitoral, mas para o prefeito poderia ser uma grande alavanca no futuro (FERRAZ, BARROS, 2009, p. 265).

Nestes quatros trabalhos aqui comentados foi possível identificar quatro diferentes formas de contribuir com a produção de conhecimento sobre o tema dos projetos sociais de esporte e lazer. Estas abordagens parecem ser complementares e não opostas entre si. Diante destas possibilidades que encontrei na bibliografia, pretendo me valer das experiências que vou narrar nas próximas páginas para, a seguir, desenvolver algumas reflexões que contribuam com a temática deste estudo.

3 DESCRREVENDO O PROGRAMA SEGUNDO TEMPO

Para conseguirmos compreender melhor ao que se refere meu trabalho é necessário conhecer um pouco sobre cada projeto que descreverei nele. Começando pelo Programa Segundo Tempo do Ministério do Esporte podemos inicialmente descrevê-lo sucintamente da seguinte forma:

O Programa Segundo Tempo constitui-se numa iniciativa do Ministério do Esporte em Parceria com o Ministério da Educação, para democratizar o acesso à prática esportiva de crianças e adolescentes matriculados em escolas públicas do Brasil. Por meio de atividades esportivas no contra turno escolar, pretende-se colaborar com a inclusão social, bem estar físico, promoção à saúde e desenvolvimento intelectual de crianças e adolescentes que estão em situação de vulnerabilidade social, portadores de necessidades especiais e jovens que estão fora da escola, ampliando assim sua possibilidade de retorno à comunidade escolar.(BRASIL apud COUTO e BROD, 2008, p. 239)

Este se trata de um programa de governo lançado no ano de 2003 juntamente com a criação do Ministério do Esporte na então gestão de Luís Inácio Lula da Silva na presidência do Brasil. Os recursos deste programa vêm do governo federal através do Ministério e são repassados para estados e municípios através de convênios firmados com prazo de 1 a 2 anos. No início era apenas de 1 ano e em 2011 passou a ser de 2 anos.

Todo o material também é fornecido com recursos do próprio Ministério, inicialmente bolas, tabuleiros de jogos e camisetas eram confeccionados por outro programa do Ministério da Justiça chamado “Pintando a Liberdade” projeto que se utilizava do trabalho de encarcerados no sistema prisional dando-lhes o benefício de a cada 3 dias trabalhados 1 dia de sua pena era reduzido.

O Programa continua em funcionamento nos dias de hoje, mas agora o material fornecido, segundo consta no site do órgão é da marca Penalty® para bolas, redes, etc. (BRASIL, 2013). A administração de tais recursos ficaria a cargo das entidades conveniadas ao Programa podendo ser Secretarias e Autarquias de Esporte, lazer, educação de estados e municípios ou ONGs credenciadas, ficando a cargo do mesmo também a devida prestação de contas para o Ministério.

Constam no site do Ministério os seguintes objetivos do Programa:

Objetivo Geral

O Segundo Tempo é um programa do Ministério do Esporte, destinado a democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social.

Objetivos Específicos:

Oferecer práticas esportivas educacionais, estimulando crianças e adolescentes a manter uma interação efetiva que contribua para o seu desenvolvimento integral;

Oferecer condições adequadas para a prática esportiva educacional de qualidade;

Desenvolver valores sociais;

Contribuir para a melhoria das capacidades físicas e habilidades motoras;

Contribuir para a melhoria da qualidade de vida (autoestima, convívio, integração social e saúde);

Contribuir para a diminuição da exposição aos riscos sociais (drogas, prostituição, gravidez precoce, criminalidade, trabalho infantil e a conscientização da prática esportiva, assegurando o exercício da cidadania). (BRASIL, 2013)

No que tange as estruturas, as mesmas deveriam ser buscadas ou oferecidas pelo órgão ou núcleo que tinha interesse em se vincular ao projeto podendo ser desenvolvido em escolas, ginásios ou ambientes naturais desde que estivesse vinculada a escola. As modalidades poderiam ser todas àquelas esportivas conhecidas desde que o núcleo que fosse desenvolvê-la tivesse os meios adequados para tal. Mas uma das orientações era que no mínimo três fossem oferecidas, uma delas sendo obrigatoriamente o xadrez.

3.1 O “SEGUNDO TEMPO” NO MUNICÍPIO DE MATINHOS, NÚCLEO GABRIEL DE LARA.

No município de Matinhos, cidade foco do meu relato, um dos locais onde tal programa acontecia era o Colégio Estadual Gabriel de Lara, local este onde estagiei. O Colégio Gabriel de Lara iniciou a parceria com o Segundo Tempo através da iniciativa de um de seus professores de Educação Física no ano de 2008. Outro parceiro ou conveniado deste projeto era a Paraná Esporte, autarquia do Governo do Estado do Paraná, vinculada a Secretaria de Educação do mesmo que em concomitância mantinha convênio com o Ministério dos Esportes para o desenvolvimento do Programa Segundo Tempo nas escolas estaduais da rede.

Inicialmente, conforme relatos do professor Marcelo Gomes Lomba, professor este que assumiu o projeto no ano de 2009, a intenção do professor que implementou o projeto no colégio era conseguir recursos materiais e humanos para desenvolver a modalidade handebol com os alunos do projeto. Como o espaço físico da escola era utilizado de forma integral para as aulas de Educação Física regulares do currículo (a escola possui aulas nos três turnos) o mesmo conseguiu através de um acordo informal com a diretora da Escola Municipal Wallace Thadeu de Mello e Silva outro local. O mesmo conseguiu que fosse emprestada a quadra nos finais de tarde, três vezes por semana. Em contrapartida ele aceitaria alunos desta escola em seu projeto (ou seja, alunos do município em um projeto que era destinado a alunos do estado).

Conforme outros relatos do professor Marcelo, o projeto neste momento já encontrava dificuldades, dado a falta de espaço e a situação de ter a obrigatoriedade de se manter estagiários de Educação Física. Pois o programa previa e exigia a presença dos mesmos. Como o município não possui tal curso tais estagiários tinha que ser buscados no município mais próximo, no caso Joinville.

Depois de alguma procura ele encontrou alunos que cursavam Educação Física em Joinville, S.C, e eram moradores de Matinhos e assim conseguiu dar inicio ao trabalho.

Não vou me ater aqui sobre esta fase do projeto, fiz apenas este breve apanhado de informações para dar um panorama inicial de como cheguei a minha participação, juntamente com outros dois colegas de curso, no PST Núcleo: Gabriel de Lara.

3.1.1 Iniciando minha participação no Programa Segundo Tempo (PST)

No ano de 2009, ano que ingressei no curso de Gestão Desportiva e do Lazer da UFPR setor Litoral, já quase no final do primeiro semestre nós, calouros fomos convidados a participar do processo de seleção de estágio para o PST, já sob a coordenação do segundo professor, Marcelo Lomba. Estranhamos sermos procurados de forma tão inicial no curso, mas aceitamos o desafio.

Eu juntamente com outra colega fui selecionada e a partir daí começamos também uma “correria” para cumprirmos com as questões burocráticas envolvidas e

conseguirmos dar início ao projeto antes das férias escolares. Já que o programa se destinava a ser no contra turno escolar isto deveria ser iniciado neste período. Resolvidas tais questões, como assinatura de Termo de Compromisso, etc., o que demandou tempo considerável já que não conseguimos entregar tudo antes das férias, passamos a aguardar o contato conosco do professor para iniciarmos as atividades.

Quando no início do ano letivo de 2010 fomos surpreendidas com a notícia que com a mudança de direção na Secretaria de Educação do Estado e conseqüentemente também na Paraná Esporte todos os professores que eram do Quadro Permanente do Magistério (QPM) teriam que deixar o PST para assumir apenas salas de aula, e que o projeto passaria para a coordenação de professores do Processo de Seleção Simples (PSS), ou seja, temporários.

Começava ali outra difícil caminhada na expectativa de iniciar os trabalhos. Todo o processo de contratação de professor substituto demanda várias questões burocráticas e de tempo, portanto, para resumir, conseguimos dar início, efetivamente, aos trabalhos apenas no mês de maio daquele ano.

Neste período eu e a outra estagiária ficamos sem receber o valor de alguns meses de bolsa também. O que nos causava certo incomodo, pois não éramos, ao nosso ponto de vista, responsáveis por todo imbróglio burocrático que estava acompanhando o processo de implementação do projeto.

Recomeçando todo o processo, nós estagiárias precisamos fornecer a professora que assumiu a coordenação do projeto um panorama do que tinha ocorrido até então já que a mesma, não estava totalmente a par do que havia ocorrido antes de sua entrada no projeto.

Precisaríamos na verdade refazer toda a ideia inicial, pois teríamos que captar novos alunos, resgatar os antigos já cadastrados (o projeto exige um cadastro no site do Ministério dos Esportes no link do Programa Segundo Tempo, no nosso caso teríamos que possuir 200 alunos cadastrados, 100 para cada estagiário que deveriam ser divididos em turmas de 25 alunos e trabalhar com os mesmos duas modalidades de esportes coletivos e uma terceira que era o xadrez, modalidade esta de obrigatoriedade), e buscar condições estruturais para o desenvolvimento das atividades, já que o Colégio, núcleo principal do projeto não possuía condições ideais para seu desenvolvimento.

Como já citado anteriormente (p. 17), a quadra, que tinha condições precárias de uso (buracos, não era coberta, não possuía tabelas de basquete entre outros) ainda era utilizada para as aulas nos três turnos. Tentamos mais um convênio informal com a escola Municipal Wallace Thadeu de Mello e Silva, mas a quadra desta estava em reformas.

Mesmo com essa série de circunstâncias conseguimos no mês de agosto, após as férias escolares de julho iniciar algumas atividades que combinamos serem as mais viáveis: futsal (que chamávamos de *futquadra*), voleibol adaptado num canto do pátio onde; quando chovia tornava-se um lamaçal escorregadio e os suportes da rede eram colocados em ganchos na parede da escola e no muro vizinho e o obrigatório xadrez.

Não fizemos nenhum tipo de consulta prévia aos alunos sobre as modalidades que eles tinham maior interesse em participar, mas percebeu-se que a preferida era o futsal e a menos aderida o xadrez, que acabamos por desenvolvê-la somente em dias de chuva.

Como percebemos que o xadrez não tinha muita adesão começamos a colocar nestes dias outras atividades lúdicas, como jogos de tabuleiro, da velha, damas, etc.(os tabuleiros eram confeccionados num material tipo *corino* e exalava um cheiro fortíssimo de éter). Mas eram poucos os que ficavam para participar.

Em tempo: dos 200 alunos que tínhamos que atender, conseguimos apenas o número de 75 participantes captados entre os alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, atuais 6º a 9º ano.

3.1.2 Outras situações enfrentadas no funcionamento do Núcleo Gabriel de Lara

Estava previsto no convênio o fornecimento do lanche, que nós ao menos nunca vimos chegar por parte do projeto em si. Contamos apenas com a gentileza do diretor da escola que nos fornecia pacotes de biscoito que eram do lanche da própria escola e que, inclusive, a data de vencimento era próxima (apenas biscoitos doces e salgados). Quando os alunos queriam alguma bebida compravam refrigerantes e alguns levavam salgadinhos industrializados comprados por eles mesmos.

Como o espaço era utilizado para as aulas de Educação Física, precisamos adaptar o horário de contra turno escolar para entre turno escolar e também fizemos atividades no sábado. O que não estava de acordo com o previsto. Recebemos inclusive a visita do coordenador da área da Educação Física do Núcleo de Educação para uma vistoria.

O mesmo falou para nossa atual coordenadora que aquela forma não estava correta e que precisaria ser revista. Sugeriu até que levássemos os alunos para utilizar outros espaços como a praia, a praça, as ruas do entorno. Em minhas leituras recentes tomei conhecimento que poderiam ser feitas as atividades em qualquer dia da semana, mas a época não foi essa orientação que tivemos.

O Colégio Gabriel de Lara é uma das escolas mais antigas do município, tendo 50 anos de história. Está localizado bem no centro da cidade, onde a mesma cresceu de forma desordenada, com ruas estreitas e muitas casas e comércios misturados.

A praça não possui espaço aberto suficientemente adequado para o desenvolvimento de atividades esportivas, e a praia; acreditávamo-nos; seria um ambiente arriscado para se levar cerca de 50 crianças e adolescentes com tão pouco material humano para controlar os ímpetos típicos desta fase.

Também nos deparamos com o sumiço de material como coletes e uniformes: O projeto fornece algum material de consumo como coletes, camisetas e bermudas que são dadas aos alunos, bolas, raquetes, jogos de tabuleiro, etc...

Não conseguimos descobrir durante o período que ficamos no projeto onde foram estavam os coletes que desapareceram. Fomos apenas informados de maneira não confirmada, por uma pessoa anônima a mim, que alunos de outra escola estavam utilizando material semelhante em sua escolinha de futebol e em aulas de Educação Física.

Voltando a descrever a situação do reforço alimentar ou lanche: recebemos um relatório sobre o lanche que havia sido enviado antes mesmo de assumirmos o projeto. Em pesquisa que a professora fez, descobriu-se que o lanche estaria com a Prefeitura Municipal, que mantinha outro convênio para as escolas do município e não tinha vínculo algum com o Colégio onde trabalhávamos. Até o momento, não sabemos onde está tal lanche também. Na lista de itens constavam, chás, biscoitos, sucos de caixinha.

Todos os alimentos *adequadíssimos* à crianças e adolescentes em fase de crescimento e praticando atividades físicas. Ironias à parte, nos dias de hoje, até pessoas baseadas no senso comum, tem informações suficientes que indicam que tais alimentos não são ideais nem para o consumo diário de crianças e adolescentes, pois não possuem qualidades nutricionais adequadas, quanto menos para qualquer faixa de idade que está em desenvolvimento de atividades sejam físicas, ou esportivas. Acreditava eu, que um projeto desenvolvido pelo Poder Público deveria ter acesso a tais informações e fornecer um alimento da maior qualidade para seus participantes.

3.1.2.1 A condição das aulas na quadra

Como não conseguimos todos os dias da semana para desenvolver as atividades optamos por fazê-las em 3 dias, terças para os *mais velhos*, quinta para os mais novos e sábado em dois horários distintos para ambos. Cada faixa ficaria em um horário (eram duas horas de atividade para cada turma). Nas terças quase não ficava ninguém, e era o horário destinado aos alunos de 7^a e 8^a séries (a atividade acontecia no final do turno de aula do período da tarde e ia até o início das aulas noturnas, ou seja, das 17:00 as 19:00 hs). Assim acontecia na quinta, onde ficavam mais alunos, cerca de 50 dos 75 ativos, ou seja, os de 5^a e 6^a séries.

Com o tempo, os alunos da terça começaram a ficar na quinta e no sábado, os mais novos chegavam cada vez mais cedo, durante o horário dos maiores. O que começou a nos causar certa inquietação, pois entre os alunos maiores haviam, inclusive, garotos com mais de 1,80m de altura. Não conseguimos conter a participação destes e o que podíamos fazer era buscar não colocá-los para jogar com os menores. O que por vezes era impossível.

Na modalidade que eu desenvolvia o voleibol, vivenciei também algumas dificuldades: primeiro a condição estrutural da quadra era um complicador para o bom andamento de uma atividade desenvolvida com qualidade (um canto do pátio externo de terraço, que em dias de chuva virava uma pista de patinação na lama, por assim dizer).

Outra circunstância era que por muitas vezes, o nosso espaço era visto como uma “espera” para o próximo time de futsal que entraria em quadra, isto causava

muitas vezes o início de um jogo que quando se gritava, “próxima!” da quadra de futsal, as crianças saíam no meio da partida para mudar de modalidade.



Figura 1: quadra de vôlei.

Material básico fornecido: bola de vôlei e camiseta para monitor (arquivo pessoal).



Figura 2: Quadra de Futsal (arquivo pessoal)

Percebi também que a diferença de comportamento entre os que preferiam jogar futsal e aqueles que optaram pelo vôlei era bastante significativa. Os do vôlei eram mais disciplinados e atentos à atividade. Enquanto os do futsal eram mais agressivos, displicentes e dispersos aos comandos de jogo.

Já na quadra poliesportiva, que não é coberta, havia alguns buracos e, em dias que a chuva diminuía e podíamos fazer as atividades, era preciso esgotar a água acumulada, pois a mesma virava uma piscina. Esgotamento este feito pelas próprias crianças que no afã de poder jogar não se incomodavam de pegar rodos para deixar a quadra em condições mínimas para se desenvolver a atividade.

Nesse íterim de atividades feitas de forma muito bastante adaptadas, do que propriamente adequadas, minha colega resolveu sair do projeto na renovação do nosso estágio, que era renovado semestralmente. Ficamos algum tempo sem o segundo estagiário que era uma obrigatoriedade imposta pelos órgãos que nos mantinham. Foi a hora de mais um imprevisto. Ao contrário lançar-se um edital para a seleção do novo estagiário, eu diretamente convidei um colega de outro ano para participar do projeto buscando desta forma agilizar o processo burocrático para que as atividades não fossem paralisadas e nem que a mesma fosse cancelada pelo órgão gestor Paraná Esporte.

Conseguimos manter as atividades desta forma até o fim do segundo semestre de 2010. Onde terminaria tanto o período do convênio, que poderia ser renovado por mais dois anos, e também o contrato da professora PSS que estava na coordenação do núcleo. Terminamos o ano letivo com uma pequena competição de futsal, ao qual a professora com recursos próprios comprou algumas medalhas com a promessa de que em 2011 voltaríamos.

Processos eleitorais e mudanças de comandos novamente se interpuseram a esta promessa. E até o presente momento, o PST não voltou a funcionar no núcleo Gabriel de Lara. Por muito tempo eu encontrava alguns de nossos alunos nas ruas e os mesmo sempre me perguntavam: “Professora, quando o projeto vai voltar?” Eu, no início, dizia: “Lá por tal mês”. Mas o tempo foi passando, as crianças pararam de perguntar e eu também não tinha mais resposta.

No início de 2011 recebemos uma carta da Paraná Esporte, autarquia que mantinha o convênio com o Ministério do Esporte, que é vinculada a Secretaria de Educação do Estado do Paraná, nos comunicando que estando tudo em

conformidade nos núcleos logo se iniciariam as atividades para o novo período letivo.

Segundo tal comunicado, todos os núcleos estavam em condições estruturais para a renovação do projeto e que o convênio com o Ministério dos Esportes também estava renovado para os próximos dois anos. Na mesma também continha uma orientação aos professores coordenadores para que mantivessem contato com os estagiários, pois os núcleos todos do Paraná só funcionariam se todos os estagiários estivessem contratados. Um núcleo dependia do outro para funcionar, então os cerca de 140 estagiários deveriam estar contratados, do contrario, tudo ficaria em suspensão. Por volta do mês de maio recebemos outro comunicado com um termo de rescisão do estágio e o núcleo Gabriel de Lara não voltou a ter atividades do PST até o presente momento.

Na atual gestão do Governo do Paraná (2011/2014) o convênio com o Programa Segundo Tempo foi cancelado.

4 PROJETOS “ESPORTE E LAZER NA COMUNIDADE” E “PASSANDO A BOLA”: CONHECENDO A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

4.1 PROJETO ESPORTE E LAZER NA COMUNIDADE

Os dois projetos de extensão universitária sobre os quais relatarei neste capítulo são projetos criados e coordenados por profissionais do curso de Gestão Desportiva e do Lazer da UFPR setor litoral. O primeiro Esporte e Lazer na Comunidade foi elaborado no ano de 2010, pelo professor mestre do curso Leôncio José de Almeida Reis com o objetivo inicial de prestar atendimento no município de Pontal do Paraná, Estado do Paraná. Junto à comunidade escolar municipal com atividades lúdicas de ginástica olímpica. Este atendimento, na verdade, foi solicitado pelo próprio município que tinha intenção de começar a implantar no mesmo contra turno escolar para crianças da rede municipal de ensino. O contato foi realizado pelo professor Marcelo Gomes Lomba que, além de professor em Matinhos, conforme citado anteriormente, também era o coordenador da área de Educação Física na prefeitura de Pontal do Paraná na sequencia iniciaram-se as atividades que foram desenvolvidas ao longo de um ano.

A minha participação neste projeto ocorreu no ano de 2011, já no município de Matinhos sendo que a outra parceria com o município de Pontal continuaria, mas com algumas alterações nas atividades e intenções do projeto. Vou me ater aqui às minhas experiências, pois das atividades do projeto em Pontal só tive acesso através de uma única visita ao município e pelos relatos do professor coordenador e dos bolsistas do projeto.

Antes, porém, pretendo apresentar um panorama preliminar do quem vem a ser um projeto de extensão universitária. Conforme consta no Termo de Compromisso para Bolsa-Extensão para alunos da UFPR, um projeto de extensão tem os seguintes objetivos:

- I - apoiar a participação de alunos regularmente matriculados na graduação da UFPR em Programas e Projetos de Extensão Universitária.
- II – incentivar na prática acadêmica a contribuição para o desenvolvimento da consciência social e política, formando profissionais-cidadãos; e

III – apoiar a integração do ensino e da pesquisa com demandas sociais, buscando comprometimento da comunidade universitária, estabelecendo mecanismos que inter-relacionem o saber acadêmico ao saber dos demais segmentos da sociedade (UFPR, 2011).

Retornando então a experiência no Esporte e Lazer na Comunidade. Como já citei anteriormente, a minha participação em tal projeto veio acompanhada de algumas mudanças com a relação ao período inicial em Pontal do Paraná.

No ano de 2011 ele aconteceria também no município de Matinhos, ao qual só contava com a minha atuação como bolsista. O outro colega ficaria atuando em Pontal.

O professor coordenador deixou a meu cargo a escolha das atividades que eu poderia desenvolver nos locais em quais eu gostaria de atuar. Escolhi inicialmente trabalhar na área do esporte com o ensino do voleibol. Porém incluí também a ideia de se fazer oficinas de dança, utilizando-se de ritmos da cultura brasileira com a intenção de despertar o gosto e criar apropriação em crianças e adolescentes da rede estadual de ensino de elementos da cultura nacional brasileira, começando pela música e dança.

Como meu Projeto de Aprendizagem¹ era relacionado com música nesta época, acreditava que poderia fazer uma relação deste com o Projeto de Extensão em algum momento. Na parte esportiva, optei pela modalidade voleibol por já ter sido uma praticante amadora da mesma e já ter trabalhado com ela no PST.

Em maio de 2011 iniciamos a proposta inicial do projeto, que era o ensino de voleibol para crianças e adolescentes entre 11 e 17 anos (a intenção eram que fossem atendidos os alunos do Colégio Estadual Gabriel de Lara, pelos mesmos terem ficado sem as atividades do PST). O voleibol também foi escolhido por ser uma modalidade diferente das comumente oferecidas no município. Quero dizer, acontecem na cidade muitas ações que se utilizam do futebol enquanto que voleibol existe poucas ações.

Primeiramente buscamos uma parceria através do agente social e treinador que desenvolvia um trabalho semelhante junto à comunidade escolar do C.E. Gabriel de Lara com o apoio, à época do Instituto Celso Pampuch. Mas após algumas visitas, verifiquei que a metodologia aplicada e a forma de trabalho era um

¹ Eixo pedagógico obrigatório da UFPR Litoral para desenvolvimento de projetos criados por alunos da instituição.

complicador a minha participação na forma que tínhamos idealizado no Esporte e Lazer na Comunidade que era a iniciação esportiva e atividade de lazer ao invés de treinamento.

A intenção inicial o projeto era a democratização da oferta da modalidade voleibol para todo e qualquer público na faixa etária de 11 a 17 anos. Tendo os mesmo conhecimentos prévios e habilidades ou não para a prática. O objetivo era que todos àqueles que tivessem interesse em desenvolver uma atividade esportiva encontrassem no projeto um espaço livre e democrático, onde se sentissem bem, mesmo estando em níveis diferentes de aprendizado e desenvolvimento técnico.

Tendo sido frustrado este primeiro momento, ou seja, a parceria com o Instituto Celso Pampuch, comecei a buscar outros possíveis parceiros para tentar desenvolver a outra ponta do projeto: O de trabalho com a dança, que virá descrito no próximo capítulo.

4.1.1 Greve na UFPR e Esporte e Lazer na Comunidade

Concomitantemente com nossos esforços para colocar em funcionamento as atividades do projeto aconteceu a adesão, por parte da UFPR, à greve de servidores técnicos em todos os setores da instituição. Houve por parte do professor/coordenador do projeto a preocupação de se colocar em andamento as atividades, criando assim uma expectativa na comunidade que talvez por conta das questões burocráticas não pudessem ser sanadas. Logo em seguida também, enfrentamos o período de férias escolares da rede estadual. Momento que trouxe também atraso na divulgação do projeto para este público.

Aproveitamos este período para reavaliar as possibilidades e passei a buscar parceiros para o desenvolvimento da parte que trabalharia com nossa cultura popular através da dança. Com os dias, isto também foi alterado para a criação de um grupo de teatro no Colégio Estadual Gabriel de Lara. Para tanto era necessário buscar uma parceria com alguém que já possuísse conhecimento maior que o meu na área que se restringia a participação como atriz e produtora amadora em um grupo de teatro da Organização Não Governamental (ONG) Brasil Soka Gakkai Internacional, pelo período de seis meses na década de 1990 em Curitiba, Pr.

Consegui entrar em contato com um colega do curso de Licenciatura em Artes que inicialmente topou o desafio, mas que algum tempo depois desistiu da ideia afirmando que tinha outros planos.

Ficamos desta forma, procurando estudar onde, quando e como poderíamos desenvolver as atividades. Não esquecendo a responsabilidade que seria, começarmos um projeto sem os devidos cuidados como local adequado, material necessário e a situação da expectativa que se cria nas pessoas para as quais ofereceríamos a oportunidade de participação. Durante este processo, a greve finalmente teve seu encerramento. E já próximo do fim do ano letivo conseguimos uma “luz” para nossos desafios.

Decidimos que iríamos oferecer as atividades de voleibol no Centro Cultural da UFPR, setor litoral, por ser um espaço, onde aparentemente teríamos um acesso mais fácil. O único problema então era a estrutura, não adequada em padrões mínimos. A quadra que escolhemos era de baixa qualidade: piso de cimento bruto e ao lado do canal que corre ao longo da Av. Juscelino Kubistchek de Oliveira. Não era coberta, possuía buracos e um desnível acentuado no fundo de um lado dela. Mas ao menos tinham os locais para se colocar os postes para a armação da rede. Em contrapartida, não possuía as marcações de quadra de voleibol.

Decidido o local, comecei a buscar as autorizações junto aos responsáveis do setor. Inclusive para a utilização dos materiais: duas bolas de voleibol, fitas para marcação da quadra e uma rede, que eram do curso de GDL e não designados exclusivamente para o projeto.

Ficou combinado também que o projeto atenderia toda a comunidade do entorno. O Centro Cultural fica localizado no bairro Tabuleiro, periferia de Matinhos e próximo das instalações do setor da UFPR Litoral. Ou seja, não só as crianças do Colégio Estadual Gabriel de Lara seriam beneficiadas, mesmo assim, também continuavam a ser o público-alvo principal do projeto pelo motivo já citado neste trabalho anteriormente, de terem ficado sem o atendimento do PST no ano de 2011.

Um pouco antes do fim do ano letivo, com tudo já acertado no que concernia a espaço, materiais e autorizações, corremos contra o tempo para fazer a divulgação junto à comunidade da escola Gabriel de Lara no Centro. Neste momento o projeto contava com outra bolsista advinda do Programa de Benefícios Econômicos para Manutenção da UFPR (PROBEM) que tinha por responsabilidade fazer a divulgação

também no Colégio Tereza Ramos no bairro do Tabuleiro. Isso, a uma semana do fim das aulas.

Divulgamos que as atividades aconteceriam do dia 13 de dezembro até o dia 23 e só retornaria após as festividades de ano novo. Poucas crianças apareceram ainda a meu convite pessoal, pois eram do meu círculo de amizade.

Outra circunstância peculiar são as condições meteorológicas de Matinhos. Os verões aqui estão cada vez mais quentes e também é uma região geográfica onde ocorre grande quantidade de chuvas (constatação esta que faço tanto a partir da minha experiência como moradora da cidade, como também a partir da experiência vivida no Projeto). Como tínhamos que fazer as atividades num local sem cobertura e a beira de uma avenida asfaltada tinham dias que o calor se tornava insuportável, inviabilizando a prática. Mesmo que o horário escolhido, das 16 às 19 horas, fosse o recomendado pelas autoridades de saúde.

Com o passar tempo, algumas crianças da região começaram a participar do projeto por conta própria. Perguntei a alguns deles se tinham conhecimento da divulgação feita na escola e nenhum deles sabia.

Em certo dia, aconteceu uma situação curiosa: como já era período de férias de verão, no município estava acontecendo à chamada “Operação Verão”, que são ações do governo do estado nesta época do ano no que se refere à segurança pública e de ações de saúde, prevenção de acidentes, resgates. Neste dia o helicóptero da “Operação Verão” havia feito um resgate no mar e como o Centro Cultural tem um grande espaço aberto no campinho de futebol o mesmo foi utilizado como área de pouso.

Esse acontecimento chamou a atenção de muitas crianças e adolescentes que foram para o Centro Cultural ver de perto a aeronave. Após o fato alguns deles tomaram conhecimento do nosso projeto e se interessaram em fazer parte. Mas infelizmente alguns dias depois, começou a ocorrer um período constante de chuvas, o que inviabilizou novamente a aplicação adequada do trabalho.

4.2 CONHECENDO O PROJETO PASSANDO A BOLA! SOCIALIZAÇÕES ESPORTIVAS NO LITORAL

Assim como o projeto Esporte e Lazer na Comunidade este projeto foi concebido pelos docentes do curso de Gestão Desportiva e do Lazer do setor litoral

da UFPR. Tendo como coordenador o professor doutor Luís Eduardo Cunha Thomassim e vice-coordenador o professor mestre Leôncio José de Almeida Reis. Previsto para acontecer às atividades entre março de 2012 e fevereiro de 2013 inicialmente. Estas datas foram revistas devido a todo processo burocrático de captação de bolsistas, o que aconteceu definitivamente somente no final de mês de abril de 2012. Começando a ser implantado realmente somente no final do mês de maio.

O Passando a Bola! Socializações Esportivas no litoral tinha por objetivo a oferta de atividades esportivas coletivas onde a bola é o elemento comum a todas as quatro modalidades escolhidas preliminarmente: voleibol, basquetebol, handebol e futsal.

A pretensão de atendimento calculava o número de 90 crianças do ensino fundamental, entre 9 e 14 anos, no município de Matinhos da rede municipal e estadual de ensino. Segundo o resumo do projeto o mesmo se propunha a oferecer formação de base nas modalidades citadas acima centradas numa metodologia de ensino em estudo pelos acadêmicos do curso. Propiciando aos participantes vivências de aprendizagem centradas na lógica do jogo e não somente em gestos técnicos isolados e com a participação democrática do público escolhido no que diz respeito à construção dos saberes sobre tais modalidades. Respeitando também as relações sociais e educativas que as crianças já trazem consigo advindas de suas famílias, escola e vizinhança. Fazendo com que as mesmas não sejam apenas objeto da intervenção externa a elas, mas sim parte integrante e interativa de todo o processo de aprendizagem. (UFPR, 2012)

4.2.1 A escolha do nome do projeto e início das atividades

Como consta na proposta do projeto: “A escolha do nome do projeto – Passando a bola! – procura expressar tanto uma valoração das relações entre colegas, em detrimento do individualismo, como também uma escolha simbólica no âmbito da pedagogia do esporte, na qual a habilidade de “passar” ganha destaque em detrimento do excessivo valor que a posse de bola possui em certas fases da formação esportiva” (UFPR, 2012 P. 02).

Tendo tais diretrizes, nós, os 3 bolsistas selecionados junto aos graduandos de GDL, com a participação especial de um quarto bolsista remanejado de outro

projeto de extensão deste curso, o Núcleo de Projetos e Práticas de Esporte e Lazer (NUPPEL) e outra bolsista voluntária também do curso, turma 2011, começamos a nos familiarizar através de diversas reuniões como o projeto caminharia.

Neste momento enfrentávamos outra greve, uma das maiores da história nas Universidades Federais por todo o país. E diferentemente do ano anterior esta aconteceu na classe de docentes atingindo também, com adesão total os docentes do setor litoral. Mesmo diante deste quadro ficou acordado que faríamos algumas ações que fossem possíveis perante aquele cenário.

Começamos a elaborar um diagnóstico junto a alunos de duas escolas no centro da cidade onde tivemos acesso mais fácil por conta do meu conhecimento junto à direção e coordenação destas instituições. Esta atitude foi tomada para que se fosse facilitado ao máximo nosso acesso a tais escolas que eram o Colégio Estadual Gabriel de Lara e Escola Municipal Wallace Thadeu de Mello e Silva.

Mesmo que estas duas escolas não fizessem parte da proposta inicial, que seria o desenvolvimento das atividades em 3 bairros periféricos da cidade, sentimos que por serem escolas em regiões centrais poderiam nos dar um panorama geral do como as crianças do município eram atendidas em seus horários de lazer e quais eram suas preferências e atividades em momentos que não estavam no período de aulas regulares.

Tal diagnóstico visava não só o conhecimento da realidade destas crianças como moradores do município, mas também termos delas a primeira participação na construção e escolha das atividades que seriam ofertadas. Mesmo que estas não soubessem desse intuito. Bem como um panorama dos outros possíveis espaços e projetos as quais estariam participando para que o Passando a Bola! não fosse um concorrente se sobrepondo a outros que podiam já estar atendendo este público mas quem sabe ser um colaborador/parceiro dos mesmos levando a metodologia de ensino de esporte aprendidas no curso de GDL para conhecimento e desenvolvimento de momentos de iniciação esportiva à seus participantes.

O projeto havia sido criado para atender inicialmente em forma de núcleos que foram previstos em bairros distintos do município, Tabuleiro, Sertãozinho, Mangue Seco e Rio da Onça, estes três últimos vizinhos uns dos outros. O bairro do Centro foi incluído nesta fase do diagnóstico à pedido da coordenadora pedagógica

do C.E. Gabriel de Lara que nos relatou que as crianças do Centro possuíam poucos espaços de atividades extracurriculares direcionadas.

4.2.1.1 Preparando dados de pesquisa e apresentação para o CONBRACE

Através deste diagnóstico que foi obtido via resposta pelas próprias crianças matriculadas de 6º ao 9º ano da rede estadual e de 5º ano da rede municipal, por instrumento de pesquisa no formato de questionário, não só obtivemos dados que seriam utilizados para decidirmos as modalidades trabalhadas nos núcleos, horários adequados e se seríamos ou não parceiros de outros projetos, como nos alimentou de informações para outro foco que era a apresentação de trabalho no Congresso, região sul, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, o CONBRACE Sul, que se realizou no mês de setembro na cidade de Rio Grande, R.S. Fazendo assim também que o Passando a Bola! cumprisse com a outra proposta de um projeto de extensão que visa estabelecer três eixos acadêmicos *conversando* entre si: pesquisa, extensão e ensino.

Após este diagnóstico coletado com os alunos através de instrumento de pesquisa (questionário), passamos para a segunda fase², que era fazer um levantamento das estruturas possíveis para implementação das atividades nos bairros previstos. Através de saídas de campo, buscando também conhecimento sobre como as crianças se movimentavam por estas estruturas bem como, em ambientes públicos como ruas, calçadas, quintais desenvolviam suas atividades diárias de lazer.

Tal observação se mostrava importante para conhecermos *in loco* a realidade de cada comunidade e quantas estruturas seriam possíveis de serem utilizadas com o mínimo de qualidade para o bom desenvolvimento do projeto.

Deparamo-nos com situações diversas, desde bairros onde não se tinham crianças brincando nas ruas, falta de calçamento, muita lama nas vias, falta de espaços como campinhos ou praças. Ao mesmo tempo encontramos campinhos de terra fofa perdidos, por assim dizer, no meio do nada, administrados de maneira

² O projeto possuía três fases: 1.Diagnóstico com alunos de escolas públicas. 2. Diagnóstico de estruturas para o desenvolvimento das atividades e nucleação. 3.Desenvolvimento das atividades práticas/oficinas propostas no projeto.

informal por dono de bares, ou palanques de vôlei também no meio do nada que não descobrimos quem os colocou.

Tais constatações são por mim aqui descritas somente com o objetivo de demonstrar algumas das condições estruturais para a prática de esporte e lazer que encontramos em nossas saídas, sem a intenção de julgamentos da qualidade ou não de tais estruturas e condições de gestão das mesmas.

Também tivemos acesso a ginásios e quadras de escolas, onde, ou eram utilizados pelas atividades de aulas ou já ofereciam programações diferenciadas advindas de ações sociais de agentes voluntários ou pela prefeitura e Institutos do município. Algumas das estruturas possuíam até certa qualidade de uso, mas víamos que também tinham seus problemas como coberturas quebradas, falta de banheiros ou vestiários adequados e acesso a hidratação. Outra situação ao qual nos questionávamos era a falta que tínhamos ao acesso de recursos que nos possibilitasse a oferta de lanche durante o período que iríamos proporcionar às oficinas esportivas as crianças.

Muitas das programações que já existiam no município dispunham deste atrativo (atrativo segundo nossa visão) para seu público, que nós, como projeto de extensão universitária teríamos que ainda captar, quem sabe, junto a outros parceiros da comunidade externa à Universidade. Esta condição de que o lanche seria um atrativo extra de público foi um pensamento que discutimos em grupo nas reuniões e não vem a ser uma verdade constatada junto ao público que tínhamos a intenção de atender. Foi-se considerada esta possibilidade, baseada em outros estudos que demonstram que tal situação ocorre em outros projetos espalhados em nosso país.

4.2.2 Pleito eleitoral municipal – Matinhos em efervescência política

Junto ao cenário da greve, da falta de estrutura adequada, em meio a diagnósticos preliminares, preparação da o CONBRACE Sul, outra situação se interpôs para darmos início a terceira fase do projeto, que era o estabelecimento dos 3 núcleos de ação e efetivamente o início das oficinas esportivas. O pleito eleitoral para a escolha de prefeitos e vereadores dos municípios brasileiros.

Matinho não diferente de muitos outros municípios brasileiros possui uma característica um tanto quanto questionável, de os candidatos a vagas na gestão

pública se utilizarem de diversas estratégias para o angariamento de votos da população. E a oferta de atividades de lazer e promessas de melhorias no campo do esporte não fica de fora destas estratégias. Ainda mais em vésperas de dois grandes eventos mundiais, Copa do Mundo em 2014 e Olimpíada em 2016, tal discurso se tornou mais presente nas falácias *politiqueiras*.

Tendo este momento em vista, acordamos que só seria melhor aguardar que todo o processo eleitoral terminasse para que “nosso” projeto não fosse confundido como sendo mais um dentro do contexto que citei acima, como também não fosse entendido pelos próprios candidatos como se quiséssemos nos aproveitar desta situação para fins *politiqueiros*, o que de forma alguma era nossa intenção.

Inclusive em uma de nossas saídas de campo, um garotinho ficou desconfiado ao ver que estávamos fotografando o grupo em que ele estava no bairro do Mangue Seco, periferia bastante pobre do município de Matinhos.

Eu e o outro colega estávamos de carro e decidimos nos aproximar para fazer algumas perguntas pertinentes a nossa pesquisa. O garotinho disse ao nos ver de perto e após nos apresentarmos: “Ah, vocês são da faculdade! Eu já estava falando aqui pros piás ‘o que aquela gente tá tirando foto de nós?’” Eles estavam uniformizados com as roupas cedidas pelo município, mas em uma rua do bairro.

4.2.3 Focando na apresentação para o CSBCE e Encontro de Extensão e Cultura da UFPR/ Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão (ENEC/SIEP)

Como havíamos decidido que não ofertaríamos as oficinas durante o período de pleito passamos então, neste momento de campanhas eleitorais, a nos focar na apresentação do trabalho no Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte (CSBCE), o que aconteceu com sucesso no mês de setembro e foi uma experiência bastante enriquecedora para quem pode participar tanto da construção da proposta de pesquisa, que foi o trabalho apresentado, como para quem pode ir até o município de Rio Grande e participar das palestras e mesas redondas do evento. Inclusive dando ao UFPR Setor Litoral a oportunidade de sediar em 2014 o próximo Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, através de negociações dos professores do curso de GDL junto à diretoria do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).

Em seguida, participamos também da apresentação do projeto em Curitiba no evento obrigatório da UFPR, ENEC/SIEP. Evento este que socializa para todo o sistema UFPR e comunidade externa os projetos de pesquisa, ensino e extensão de todos os setores, onde recebemos valorosos elogios pelo cuidado com que estávamos tratando todas as questões relacionadas a implementação das atividades do projeto, principalmente por parte da professora avaliadora que compunha a banca, recebendo dela a nota mais alta na avaliação.

Depois de passado o pleito eleitoral, voltamos a buscar locais para o desenvolvimento das oficinas, pois percebemos que os antes previstos estavam com o nosso acesso dificultado por uma série de situações, como a já oferta de outras atividades, serem utilizados em aula do curriculum escolar, a estrutura não ser muito adequada, etc.

4.2.4 Iniciando as oficinas: o Centro Cultural mais uma vez como solução de estrutura

Resolvemos nesta fase então, que as atividades seriam novamente ofertadas no Centro Cultura da UFPR, pois fica no bairro onde acreditávamos ser mais viável ao acesso dos materiais esportivos, que ficariam inicialmente estocados no setor, e também possuir banheiros, água, dois campinhos de futebol e a quadra de voleibol improvisada, já utilizada no Projeto Esporte e Lazer na Comunidade. Todo esse processo de decisão tomou mais certo tempo e só veio a ser definitivamente decidido por toda a equipe, próximo, novamente, as férias escolares de verão.

Tivemos uma semana antes do fim das aulas para fazer uma divulgação relâmpago em duas escolas da região, o Complexo Educacional Francisco dos Santos, escola municipal, e Colégio Estadual Tereza Ramos e também deixamos panfletos de divulgação no próprio Centro Cultural.

Acabamos por nos deparar com as mesmas situações enfrentadas por mim quando da implementação do Esporte e Lazer na Comunidade: falta de público, calor e chuva excessivos. Ainda sim conseguimos fazer duas atividades com crianças que já frequentavam o espaço por conta própria. Desta vez, diferente da minha primeira experiência, eu tinha colegas para compartilhar comigo tais situações.

Paramos para as festividades de final de ano e tentamos retomar também, como no caso do Esporte e Lazer na Comunidade, após o dia 03 de janeiro de 2013. Mas neste momento, nem as crianças que frequentavam o espaço por conta própria apareciam mais. Julgamos que era por conta do forte calor que ocorre nesta época do ano e se estende até o início do mês de março.

Paramos novamente para reavaliar as estratégias do projeto e voltamos a nos reunir para definirmos novos caminhos. Nesta fase eu já me encontrava em processo de elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que vem a ser este trabalho. Por este motivo minha participação começou a ficar mais focada nas experiências que eu poderia passar para os colegas bolsistas mais do que efetivamente a busca de novas estratégias de funcionamento do projeto.

Em março de 2013 *entra em campo* o processo de renovação de bolsas e concomitantemente, a renovação do projeto de extensão pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), órgão interno que regulamente os projetos da Universidade.

Após um árduo processo burocrático de envio de relatórios preenchidos por bolsistas e coordenadores. Assim como também nova proposta de continuidade do projeto por parte da coordenação do mesmo, recebemos a notícia no mês de junho deste ano (2013) que o Passando a Bola!, não seria contemplado com bolsas.

Aí se iniciou outra batalha. Esta, agora, junto ao órgão gestor de projetos da UFPR para que o Passando a Bola! retomasse suas atividades. O que veio a acontecer no início do mês de julho do corrente ano (2013).

5 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA

Fazendo uma análise de todos os momentos e situações por mim vivenciadas, nas três experiências neste trabalho relatadas é possível verificar que existem alguns pontos comuns entre os mesmos. A falta de estrutura adequada parece ser a situação mais gritante no que diz respeito a conseguirmos implementar em nosso município espaços com projetos de esporte que respondam a contento as necessidades da população infanto-juvenil de nossa comunidade.

Ainda é pior no caso do “Programa Segundo Tempo”, que é um projeto de cunho Federal que apregoa em suas metas o acesso democrático a tais práticas com uma qualidade de atendimento que na realidade, ao menos nesta cidade, deixa muito a desejar com falta não só de estrutura física, bem como também de alimentação adequada e recurso humano devidamente qualificado para lidar e se deparar com as diversas situações que serão enfrentadas quando do objetivo de inclusão social de uma comunidade *carente* através da prática esportiva a condições dos mesmos saírem de situações de risco que possam vivenciar no seu dia-a-dia. Sentindo-se assim, um cidadão participe dos processos políticos que, na teoria, foram implementados para os mesmos, como se fossem a *tábua de salvação* de todas as mazelas que estes possam enfrentar.

Como afirmam Thomassim e Stigger (2011, p.3), “estas ações teriam por motivação propiciar espaços de “proteção-social” e “vivências socializadoras” complementares às atividades escolares regulares e alternativas às relações familiares e ao espaço da rua”.

Mas vivenciando experiências como esta, que tive no PST, dificilmente consegui observar que, ao menos em nosso caso, tal objetivo possa ser fielmente seguido e concretizado em reais condições cotidianas em nossa comunidade.

Nos casos dos projetos de extensão, o esforço pessoal de professores e acadêmicos que procuram desenvolver tais atividades, parece-me ter sido a tônica maior das situações vivenciadas. Cada um buscando através de adaptações diversas conseguirem colocar o trabalho em andamento.

A busca por informações preliminares, com a intenção de se ter um cuidado maior no que diz respeito a se criar expectativas nas pessoas envolvidas nas atividades de que este projeto não seja apenas mais um paliativo, mas que possa

realmente contribuir de forma ideal não só aos anseios da comunidade externa a Universidade, bem como na formação dos acadêmicos que atuam diretamente como agentes sociais nos projetos. Tais atitudes demonstram que a preocupação que sempre vivenciamos em nossas aulas no curso de Gestão Desportiva e do Lazer da UFPR litoral em se construir trabalhos que tenham cuidado e qualidade ideais de atendimento a uma população fazem parte também da prática na construção de projetos na GDL.

Principalmente, quando tal trabalho tem por objetivo questões social, que envolvem populações menos favorecidas pelas políticas públicas em nosso país e em nossa cidade, mais especificamente.

Tendo em vista que menos de 1% de toda a arrecadação do governo federal em impostos é investido no esporte, começamos já aí a vislumbrar todas as dificuldades que um discurso salvacionista, do uso desta cultura popular possa vir a trazer efetivamente para quem vislumbra trabalhar atuando nesta área profissional.

Outra situação que encontrei nesta caminhada não só pelos projetos aos quais participei e a verificação da falta de percepção dos nossos governantes no que tange a questões relacionadas a estruturas adequadas para a prática esportiva cito o seguinte:

Já em início da nossa graduação, vivenciamos um momento *sui generis*³ para alunos recém-chegados a uma instituição de curso superior. Através da tentativa por parte da direção do setor de buscar alternativas para o uso de uma estrutura esportiva de dimensões grandiosas, na Ilha de Valadares, no município de Paranaguá, Pr. Que custou, segundo informações obtidas em jornais locais, uma quantia exorbitante aos cofres públicos, mas que no ano de 2010 se encontrava com dificuldades de manter atividades regulares de atendimento. Com falta de manutenção, material humano e uma programação de atividades projetadas com

³Tal cenário curioso aconteceu durante o eixo pedagógico Fundamentos Teórico Prático (FTP) "Reconhecimento do Litoral 2" quando fizemos uma saída de campo ao Complexo Mario Lobo Filho no bairro de Valadares, município de Paranaguá, Pr. O que gerou também um trabalho apresentado no mês de setembro no Congresso Sul Brasileiro do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, na cidade de Itajaí em S.C. Também nos colocou numa situação desconfortável com a diretora e gestora do local que acreditou que naquela ocasião estava sendo demitida de sua função diante de dezenas de alunos da UFPR litoral, diretoria, docentes do setor e alguns membros da comunidade local. O que também causou a nós, alunos, um sentimento de desconforto diante do quadro que vivenciamos naquele momento.

cuidado e com a garantia de continuidade por parte dos órgãos públicos que geriam tal espaço.

Por que então, o governo do estado do Paraná, não constrói estruturas menores, que possam estar mais bem distribuída ao longo de um município e com parte dos enormes gastos mantém um quadro de funcionários fixos que possa dar continuidade a projetos que nestas diversas unidades? Este questionamento, no momento trata-se de uma pergunta retórica, ou seja, sem a necessidade de ser respondida.

Mas vem sendo também, um questionamento bastante explorado nos diversos eixos pedagógicos que vão desde políticas públicas, bem como gestão e ensino do esporte no curso de GDL, UFPR Litoral. Talvez esta e outras perguntas levem muito tempo para serem respondidas. Até porque a mudança de um paradigma; de uma cultura enraizada, é algo bastante complexo.

Vê-se que o aprofundamento nestas questões faz-se necessário, e a interdisciplinaridade de áreas como as ciências do esporte, sociologia, antropologia traria uma contribuição bastante bem vinda a este campo cultural, se mais trabalhos venham a ser produzidos com cuidado e comprometimento.

Principalmente em pequenas cidades como a nossa, onde a realidade se mostra bastante diferente de capitais como Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro e etc. Cidades as quais chamam mais o foco não só das ações em políticas públicas, por estarem na condição de maior visibilidade, assim como também da mídia nacional e internacional como um todo por serem centros maiores e onde as decisões, no fim das contas, envolvem todo e qualquer cidadão brasileiro.

O que vivenciei nos três projetos por mim aqui descritos mostra que, realmente, aquela máxima popular continua a ser uma verdade inquestionável a meu ver: na prática, a teoria é outra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho meu objetivo foi partilhar alguns aspectos que marcam as experiências que vivi como acadêmica como a oportunidade de participar, já em início de graduação em um projeto do Ministério do Esporte que me trouxe, além de experiência profissional a experiência de vivenciar na prática situações que foram amplamente estudadas e debatidas durante o curso como questões políticas, estruturais e realidades em *chão de fábrica*, ou seja, na base mais primária onde se trabalha. Assim como os mitos e verdades que cercam todo o contexto de projetos sociais de esporte e lazer em nosso país. Mais especificamente, as realidades que observamos de forma empírica em nosso município.

Assim pude me aproximar paralelamente à minha experiência, de alguns estudos sobre projetos de esporte e identificar diferentes possibilidades de abordagens e análises sobre o tema em questão.

Optei por construir um relato das experiências dos projetos que participei, para depois realizar algumas reflexões a respeito das mesmas.

Utilizei-me de documentos oficiais dos projetos, de registros pessoais sobre minha participação e de conversas com pessoas que também estiveram envolvidos neles tanto como idealizadores, gestores, quanto agentes diretos junto à comunidade através das atividades ofertadas.

Partindo destes dados, a construção deste texto envolveu também o registro de memórias pessoais baseadas na observação participante, ou participe observador, pois em todos os projetos dos quais fiz parte, lancei sobre eles uma visão um pouco menos ingênua que de uma pessoa baseada no senso comum. Ao contrário, todos os aspectos passaram a ser observados com o olhar crítico tão importante para um estudante de graduação.

Diante das experiências que relatei, destaquei alguns aspectos para reflexão, ainda que muitas outras questões possam ser mais aprofundadas em estudos futuros. Como, por exemplo, todas as dificuldades que atores que buscam desenvolver trabalhos na área de oferta de esporte e lazer de cunho social são obrigados, no meu ponto de vista, a se deparar para colocar em funcionamento e dar continuidade a seus ideais e objetivos. Mesmo que este tenha apoio institucional e governamental, teoricamente, forte.

Tais dificuldades podem trazer frustrações e desmotivações tanto para os agentes, quanto para os demais envolvidos com tais projetos como alunos, pais, professores, comunidade escolar como um todo, ou comunidade externa de ambientes escolares e isto precisa vir à tona para que as reflexões não fiquem apenas no campo teórico, mas possam contribuir para uma real mudança de paradigma na sociedade brasileira.

Espero que, mesmo com limites de tempo e condições possa ter produzido um trabalho significativo. Digo isto pela deficiência do meu texto possuir em seu corpo uma conversa maior com a bibliografia. Ficando mais restrito ao trabalho descritivo de minhas experiências.

Mesmo assim espero que ele possa ser um passo para contribuir significativa, mesmo que pequena, tanto para a Academia, através de seus docentes e discentes. Assim como também para gestores e educadores sociais, que buscam nos projetos sociais de esporte e lazer, fazer trabalhos consistentes e conscientes que possam vir, realmente, trazer benefícios à comunidade ao qual estará inserido.

Respeitando, antes de tudo, todas as suas peculiaridades culturais e conhecendo alguns dos grandiosos desafios, que precisam sim, serem vencidos. Já que, como consta na Constituição Federal: esporte e lazer é um direito de todo cidadão.

E como direito deve ser também respeitado, valorizado e utilizado como ferramenta de inclusão social de forma responsável, muito bem planejada e executada, reestruturada quando necessária, mas jamais abandonada.

REFÊRENCIAS

BRASIL. **Programa Segundo Tempo**. Ministério do Esporte. Disponível em <<http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/default.jsp>> Acesso: em 08 de julho 2013.

BRETÃS, A. **Projetos Sociais: Esporte e Lazer. “O esporte diminui a violência, e muito mais... É mesmo” Onde mora o perigo? Discutindo uma suposta relação entre ociosidade, pobreza e criminalidade**. Educação, esporte e lazer. São Paulo. 2007, P. 37-46.

CASTRO, S. B. E; SOUZA, D.L. **Significados de um projeto social esportivo: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes**. Porto Alegre, Revista Movimento, v. 17, n. 04, p. 145-163. Out/dez de 2011.

COUTO, D. W. DO, BROD, A. **Mapeamento do Programa Segundo Tempo no Brasil e a Gestão deste no Município de Estrela/Rs**. in Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social 1ª Edição: Coletânea de Premiados de 2008, Brasília, Ministério do Esporte. 2009, p. 233-248.

FERRAZ, A.S; BARROS e A. M.de. **Extensão Universitária e Inclusão Social: Implicações Do Programa “O Direito na Rua” para o Segundo Tempo**. Revista Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 1ª edição, Coletânea dos Premiados de 2008. Brasília: Ministério de Esporte. 2009, p. 262-276

THOMASSIM, L.E.C; STIGGER, M.P. **O “Público-alvo” nos bastidores da política: O Cotidiano da Participação de Crianças em Projetos Sociais**. in XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais UFBA, ago. 2011, anais... Bahia: UFBA. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Pró-reitoria de extensão e cultura, **Projeto Esporte e Lazer na Comunidade**, Termo de Compromisso para Bolsa-extensão para Alunos da UFPR, Curitiba. Mai. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Pró-reitoria de extensão e cultura, **Projeto Passando a bola! Socializações esportivas no litoral**. Formulário para nova proposta de projeto de extensão universitária, Curitiba. Mar. 2012.

VELHO, G. Observando o familiar. In: VELHO, G. **Um antropólogo na cidade. Ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: ZAHAR. 2013.